

EMERGÊNCIA DO CONECTOR *FORA QUE* NO PORTUGUÊS

Monclar Guimarães LOPES¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3403>

Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever a emergência do conector [fora que] no português, uma construção de valor aditivo empregada em contextos (supra) oracionais. Trata-se de uma investigação realizada em perspectiva diacrônica, com base em dados extraídos dos séculos XIX, XX e XXI. Como fundamentação teórica, recorremos aos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016 etc.), com foco especial na perspectiva da construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013]; TRAUGOTT, 2022), pensada para estudos em mudança linguística. Recorremos a duas bases de dados do *Corpus do Português: o Histórico e o Now*. Ao todo, foram analisadas 462 ocorrências, distribuídas nos diferentes séculos, por meio de uma metodologia quali-quantitativa. Os resultados apontam para a existência de um processo analógico para a emergência do conector [fora que], em que o elemento *fora*, na função de palavra denotativa de exclusão, teria sido recrutado pelo esquema [Xque]_{connect} (cf. CEZARIO; SANTOS; SILVA, 2015).

Palavras-chave: Conector [fora que]. Construcionalização. Linguística Funcional Centrada no Uso.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; monclarlopes@id.uff.br; <http://orcid.org/0000-0002-6238-958X>

EMERGENCE OF THE CONNECTOR [FORA QUE] IN PORTUGUESE

Abstract: This paper aims to describe the emergence of the connector [*fora que*] in Portuguese, an additive construction used in (extra)clausal contexts. This is an investigation carried out from a diachronic perspective, based on data from the 19th, 20th, and 21st centuries. As a theoretical basis, we used the assumptions of Cognitive-Functional Linguistics (cf. CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, among others), with a special focus on constructionalization (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013]; TRAUGOTT, 2022), an approach designed for studies in linguistic change. We used two databases from *Corpus do Português: Historic and Now*. Altogether, 462 tokens were analyzed, distributed among the different centuries, through a quali-quantitative method. The results point out the existence of an analogical process for the emergence of the connector [*fora que*], in which *fora*, in the function of a denotative word of exclusion, would have been recruited by the [Xque]_{connect} scheme (cf. CEZARIO; SANTOS; SILVA, 2015).

Keywords: Connector [*fora que*]. Constructionalization. Cognitive-Functional Linguistics.

Introdução

No português contemporâneo, [*fora que*] é um conector aditivo que ocorre em contextos oracionais e supraoracionais. Como ilustração, observemos três ocorrências do século XXI, extraídas da base de dados *Now* do *Corpus* do Português:

- (1) Eu gostei do filme, modernizou de uma maneira muito boa os personagens e os problemas deles, *fora que* a sequência inicial, com Zordon e Rita, é sensacional!
- (2) Eu sempre fui a esquisitona da escola. Se não é a gata, é só desenvolver outras coisas. Fica inteligente, espirituosa, encontra outros brilhos. Eu não sinto recalque, o mundo tem muita gente e nesse momento é legal ser um pouco fora dessa caixa. *Fora que* as pessoas que a gente convive ficam bonitas de outras formas e precisam mostrar beleza é na alma – diz a atriz, que tem um namorado há um ano e meio.
- (3) Sinceramente não sei o que há na AMD e na NVIDIA, a cada 1 mês lançam 79878971 placas de vídeo e assim o consumidor tem dificuldades em escolher um modelo que satisfaça.

Fora que isso desvaloriza o próprio produto que mal é lançado e já é substituído por um sucessor melhorado e que muitas das vezes não entrega 10% de ganho na usabilidade e com orçamento acima dos 40%.

Nas ocorrências (01) a (03), observamos que *fora que*² atua como conector e veicula a noção de adição em três diferentes níveis de articulação: oração em (01); período em (02); parágrafo em (03). A semântica de adição pode ser evidenciada por meio de dois critérios: a substituição e a análise de *frames*. Na substituição, empregamos um critério formal, em que trocamos a construção em análise por uma variante, por exemplo, *além disso*. Veja: (01) *eu gostei muito do filme, modernizou de uma maneira muito boa os personagens e os problemas deles, **além disso** a sequência inicial, com Zordon e Rita, é sensacional*; (02) *Eu não sinto recalque, o mundo tem muita gente e nesse momento é legal ser um pouco fora dessa caixa. **Além disso**, as pessoas que a gente convive ficam bonitas de outras formas [...]*; (03) *A cada um mês lançam 79878971 placas de vídeo e assim o consumidor tem dificuldades em escolher um modelo que satisfaça. **Além disso**, isso desvaloriza o próprio produto que mal é lançado [...]*.

Embora as abordagens funcionalistas costumem rechaçar testes formais de substituição, empregamo-los conscientemente, apoiados na noção de variação construcional (cf. CAPPELLE, 2006; HILPERT, 2014). Não queremos dizer, com isso, que *fora que* e *além disso* sejam construções sinônimas, mas, sim, que assumem no texto as mesmas condições de verdade, o que possibilita a sua alternância. Isso significa que, embora possa haver diferenças no polo do significado, sobretudo nas propriedades pragmáticas entre as duas construções, sua alternância não modifica o conteúdo proposicional daquilo que é dito.

No segundo critério, análise de *frames*³ (cf. FILLMORE, 1982), observamos se há introdução de novas informações convergentes, isto é, não contrastivas⁴. Tal aspecto também é observado nas três ocorrências. Em (01), o locutor elogia dois aspectos do filme, que ocorrem, respectivamente, antes e depois do *fora que*. Como são convergentes, no sentido de que são qualidades positivas do filme, emerge dessa relação uma noção de

2 Neste texto, empregamos duas notações científicas: [fora que] e *fora que*. No primeiro caso, referimo-nos à construção, isto é, a uma entidade linguística abstrata desvinculada do seu uso; no segundo, referimo-nos a um construto, isto é, a uma ocorrência efetiva de uso.

3 O *frame* é concebido como uma estrutura complexa da experiência, como uma ferramenta para a compreensão e descrição do significado lexical, gramatical e textual.

4 O que nos levou a trabalhar com a noção de convergência (para adição) e divergência (para contraste) se deve aos usos do elemento *fora* em outros contextos. Nossa pesquisa evidencia que esse elemento, na função de palavra denotativa de exclusão, também pode ocorrer em contextos contrastivos. Em [fora que], apenas o valor aditivo ocorre.

- | Emergência do conector *fora que* no português

adição. O mesmo tipo de análise se aplica às ocorrências (02) e (03): na primeira, o locutor faz duas considerações: a) é bom ser diferente (não ter a beleza padrão) e também b) as pessoas precisam mostrar a beleza da alma; na segunda, *fora que* introduz uma segunda crítica à AMD e à NVIDIA.

Um outro aspecto que é importante destacar sobre o conector [*fora que*] está associado à sua estrutura, de feição hipotática, como a maior parte dos conectores adverbiais: *sem que, sempre que, mesmo que, uma vez que, dado que* etc. Apesar disso, é recorrentemente empregado em início de período e de parágrafo, como podemos notar em (01) e (02), o que nos leva a associar esses contextos de uso ao fenômeno do desgarramento (cf. DECAT, 2011): é uma estrutura de configuração hipotática, mas, em alguns contextos, encontra-se desvinculada de sua oração matriz.

Feitas essas considerações iniciais, cabe frisar que, neste trabalho, temos o objetivo de descrever a emergência do conector [*fora que*] no português. Isso significa que nosso foco está em entender como a sequência de elementos *fora + que* resultou em um *chunk* de valor aditivo de caráter não composicional, na medida em que o sentido de adição não é o resultado da soma ou da derivação do sentido de seus elementos. Como sabemos, *fora* pode veicular sentido locativo, quando na condição de advérbio, ou de exclusão, quando na condição de palavra denotativa (em sentido análogo a *exceto*). A conjunção “que”, por sua vez, não veicula sentido próprio, sendo considerada na literatura gramatical um recurso que atua na transposição de funções gramaticais (cf. AZEREDO, 2014)⁵. A nossa hipótese é que [*fora que*] tenha surgido na língua por meio de um processo analógico da construção [Xque]_{connect} (cf. CEZARIO; SANTOS; SILVA, 2015), em que *fora*, na função de palavra denotativa de exclusão, teria sido recrutada por esse esquema tão produtivo do português, que agrega inúmeras microconstruções⁶, tais como: *mesmo que, sem que, apesar de que, assim que, desde que, sempre que, contanto que, visto que, dado que* etc.

No intuito de investigar a origem da construção [*fora que*], adotamos a perspectiva da construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013]; TRAUGOTT, 2022), elaborada para a investigação diacrônica da mudança linguística. Nesse processo, recorreremos tanto a categorias analíticas já propostas por esse modelo – como os tipos, os mecanismos, a direcionalidade e os contextos de mudança – quanto a outras, mais recentes, que também colaboram para a descrição do fenômeno, como as relações

5 Uma vez que o objetivo deste estudo é a descrição da emergência do conector [*fora que*], alguns outros aspectos da construção não são desenvolvidos neste texto, por exemplo, suas propriedades discursivo-pragmáticas, que nos auxiliam a entender os contextos discursivos em que essa construção ocorre, sua carga avaliativa e sua relação com o foco discursivo.

6 Os conceitos de esquema e de microconstrução são abordados na próxima seção deste artigo.

sequenciais (DIESSEL, 2019) e as noções de coacionalidade, intersubjetividade imediata e intersubjetividade estendida (TANTUCCI, 2021). Também para esse fim, trabalhamos com 462 ocorrências – dos séculos XIX, XX e XXI – extraídas de duas bases de dados do *Corpus do Português: o Histórico e o Now*.

Para dar conta da descrição desse fenômeno, estruturamos este texto em seis partes. Além desta introdução, há as seguintes seções: pressupostos teóricos, procedimentos metodológicos, análise de dados, considerações finais e referências bibliográficas.

Pressupostos teóricos

A Linguística Funcional Centrada no Uso – ou LFCU – (cf. CUNHA *et al.*, 2013; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013]; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, entre outros) representa uma nova fase do Funcionalismo Norte-Americano, que passa a dialogar intimamente com o aporte teórico da Linguística Cognitiva, em especial com a Gramática de Construções (cf. GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; HILPERT, 2014, DIESSEL, 2019, entre outros). Inserido nessa perspectiva, está o modelo da *construcionalização e das mudanças construcionais*, elaborado por Traugott e Trousdale (2021 [2013]), que é uma abordagem construcional diacrônica que visa a descrever os processos de mudança linguística.

Segundo Traugott (2022, p. 39), entende-se por construcionalização “o estabelecimento de uma nova associação simbólica de forma e significado que foi replicada em uma rede de usuários da língua”⁷. Sob esse ponto de vista, uma nova construção não surge na língua por meio de um uso inaugural, mas sim por meio da reiteração desse novo uso até que ele seja compartilhado por uma comunidade de falantes.

A construcionalização está, portanto, ligada à convencionalização. Nesse fenômeno, atuam, em especial, dois mecanismos cognitivos: a *neoanálise* e a *analogização*. A neoanálise envolve um novo *parsing*⁸, quando um dado de uso é associado a uma construção diferente da original por ser sancionado por um outro esquema. Como ilustração desse fenômeno, vemos uma outra ocorrência extraída da base *Now*:

- (4) Elba precisa ir além do já feito, revisitando este cancionero sem obviedades na seleção do repertório – não há razão para regravar músicas já tão bem gravadas pela própria Elba – e com um olhar para *fora que* faça o álbum

7 No original: “Constructionalization is the establishment of a new symbolic association of form and meaning which has been replicated across a network of language users”.

8 Por *parsing*, pode-se entender o processamento sintático.

- | Emergência do conector *fora que* no português

oferecer uma visão menos previsível da obra do compositor e, assim, manter o alto nível da discografia recente de Elba.

Em (04), *fora* e *que* são elementos de um padrão distinto do que analisamos aqui. Como é possível notar, *fora* é um advérbio de lugar; *que*, um pronome relativo. Nesse caso, os dois elementos não estão vinculados – [fora]_{adv} [que]_{pronome relativo} –, uma vez que o pronome relativo remete ao núcleo do SN, *olhar*. Na construção [fora que], por sua vez, esses dois elementos constituem um *chunk*, na medida em que passam a compor uma unidade.

Os estudos sobre construcionalização têm evidenciado que *chunks* como [fora que], cujo significado é muito distinto de seu uso original, são resultados não só da automatização⁹, como usualmente de neanálise. Por razões de ordem cognitiva e interacional, os usuários da língua atribuem um significado novo e/ou uma função nova a uma construção. À medida que essa nova interpretação se espraia por uma comunidade de falantes como um novo pareamento de forma e significado, esse novo uso se convencionaliza e se tem, então, uma nova construção.

A analogização, por sua vez, é um processo instantâneo, baseado em exemplares ou na produtividade de um esquema. Nesse fenômeno, um exemplar atua como um atrator para elementos semelhantes (prováveis variantes) ou, ainda, um esquema produtivo passa a recrutar novos elementos para seu(s) *slot*¹⁰(s). Nos dois casos, há formação de novos *types*. Um bom exemplo desse último tipo de analogização são as novas palavras que surgem por processos derivacionais, como os advérbios de modo, formados por meio da adjunção de um adjetivo flexionado no feminino seguido do sufixo *-mente*: [AD]mente]. Isso significa que os usuários são capazes de formar novos elementos *ad hoc* no discurso sempre que necessário.

De um ponto de vista científico, a neanálise atesta a mudança, na medida em que torna possível flagrar o seu curso. Diewald e Smirnova (2012), por exemplo, apresentam um modelo processual dividido em estágios, ao qual dão o nome de contextos de mudança, assim divididos: normal, atípico, crítico e isolado. O contexto normal está associado aos usos mais composicionais, com elementos mais autônomos. A ocorrência (04), por exemplo, seria um exemplo de contexto normal, haja vista que *fora* apresenta sua função

9 Segundo Diessel (2019), a automatização é um processo cognitivo do domínio da memória. Um de seus efeitos é o *chunking*, isto é, a formação de sequências fixas de elementos, muitas vezes de significado pouco composicional.

10 *Slot* é um termo utilizado na Gramática de Construções que se refere à valência de uma construção. Por exemplo, no esquema [Xque]connect, X é um *slot*, pois pode ser preenchido por diferentes elementos: *dado*, *já*, *sem* etc.

e seu sentido mais básicos – trata-se de um advérbio de lugar – e *que* atua como pronome relativo, desvinculado de *fora*. No contexto atípico, ocorre uma inferência sugerida (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2005), oriunda, sobretudo, de uma possibilidade ambígua de interpretação. De alguma maneira, esse contexto suscita tanto a interpretação mais usual como uma nova. É nesse estágio que ocorrem as neoanálises iniciais. Portanto, a hipótese orientada pela neoanálise envolve um contexto atípico em que tanto um uso original, mais composicional, – [fora]_{adv}[que]_{pronome relativo} – quanto o novo – [fora que] – seriam possíveis. O processo de mudança avança até o contexto isolado, quando já é possível atestar a convencionalização e a produtividade de uma nova construção, em que somente o novo uso é acionado – [fora que].

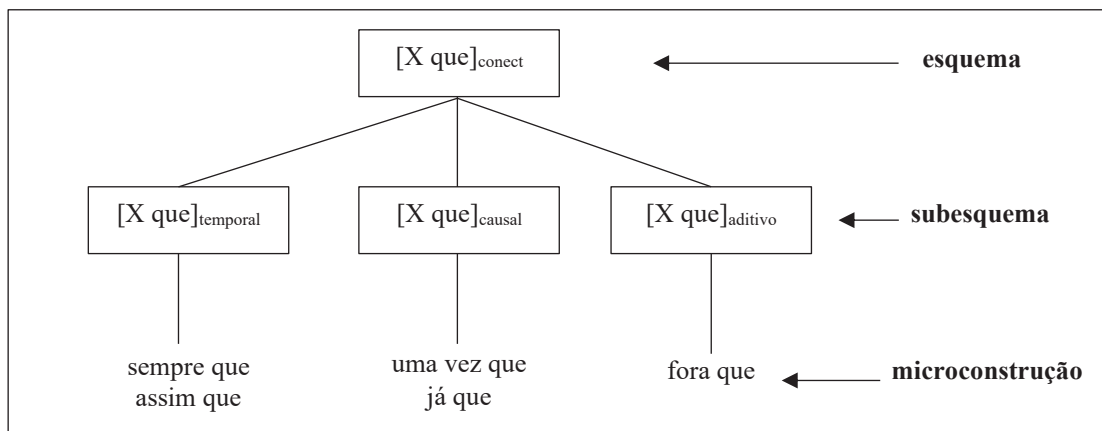
Não obstante, nem sempre é possível flagrar a atuação da neoanálise na história da língua. Para isso, há duas possíveis razões: a primeira se deve ao fato de possivelmente não existirem – ou de não encontrarmos – registros que a atestem; a segunda, ao fato de a mudança ter ocorrido por meio de analogização. Inclusive, dizemos que o que comprova, de fato, a mudança é a deflagração da neoanálise. A analogização opera mais como uma hipótese plausível do que como prova efetiva de como se deu a mudança, sobretudo quando encontramos exemplares que servem de modelo para a formação de uma nova construção.

Um outro parâmetro que nos ajuda a identificar a atuação desses fenômenos é a direcionalidade da mudança. Segundo Traugott e Trousdale (2021 [2013]), há dois tipos de construcionalização: a lexical e a gramatical. Os tipos de construcionalização estão associados ao tipo de resultado na formação das novas construções: se temos um elemento de função referencial – como verbo, substantivo, adjetivo etc. –, temos a construcionalização lexical; se temos um elemento de função procedural – como afixo, aposição, conjunção etc. –, temos a construcionalização gramatical. Nesta última, que corresponde à emergência de [fora que], a direcionalidade prevista diz respeito ao aumento de esquematicidade e produtividade e à diminuição da composicionalidade.

A esquematicidade diz respeito aos níveis de abstração do uso linguístico. Os mais baixos, que são mais específicos, são chamados de microconstruções; os intermediários, de subesquemas; os mais altos de esquemas. Fora dessa representação está o construto, que é o dado, o uso concreto. Vejamos uma representação em rede dos três níveis:

- | Emergência do conector fora que no português

Figura 1. Rede [Xque]_{conect}



Fonte: adaptado com base na representação de Cezario, Santos e Silva (2015, p. 67)

A produtividade diz respeito, sobretudo, às frequências *type* e *token*. Nesse sentido, a formação de um novo *type* na rede [Xque]_{conect} – como [fora que] – implica o aumento de produtividade do esquema.

A composicionalidade é dividida em dois tipos: semântica e sintática. A primeira diz respeito à transparência do significado da construção, de modo que podemos afirmar que uma construção é mais composicional quando seu significado é mais transparente, pois percebemos a contribuição de cada um de seus elementos para o sentido global. A construção menos composicional, por sua vez, é opaca, haja vista que o significado construcional não está diretamente relacionado ao sentido de seus elementos. É o que ocorre com [fora que], uma vez que a noção de adição não é uma derivação dos significados básicos de *fora* nem de *que*. Já a composicionalidade sintática, também chamada de analisabilidade, está associada à identificação das partes componentes de uma construção. Sendo assim, quando conseguimos reconhecer os elementos que compõem uma construção, dizemos que ela é analisável – como ocorre com [fora que] – em oposição a quando não reconhecemos facilmente, como em [embora] – cujos elementos de sua formação (*em + boa + hora*) não são mais identificáveis na estrutura, em virtude da alta vinculação com perda de material fonológico.

O fator da composicionalidade é particularmente caro aos processos de construcionalização gramatical, já que sua diminuição ou perda estão associadas à atuação de processos cognitivos, como a automatização. Segundo Diessel (2019), a automatização é um processo gradual dirigido pela frequência de uso e opera na formação de *chunks* nas relações sequenciais. Segundo o autor (2019, p. 63),

[...] quanto mais as sequências empregam os mesmos elementos em cadeia, mais frequentemente essas sequências de elementos são processadas e mais fortes se tornam os *links* entre seus elementos (BYBEE, 2002; 2010, p. 33-37). O resultado cognitivo desse desenvolvimento é a emergência gradual de uma ‘unidade’ ou ‘chunk’¹¹.

Dessa maneira, é relativamente comum que uma mesma sequência de elementos instancie construções distintas, sendo, pelo menos uma delas, mais composicional, com elementos mais autônomos – como ocorre em [fora]_{advérbio} [que]_{pronomes relativo} – e outra menos composicional, com elementos mais vinculados – como ocorre em [fora que]. A formação de *chunk* e a diminuição da composicionalidade são, nessa esteira, fortes indícios de que essa construção seja o resultado de uma construcionalização.

Também podem ser empregados para evidenciar as consequências da construcionalização os conceitos da coacionalidade, da intersubjetividade imediata e da intersubjetividade estendida (TANTUCCI, 2021). De acordo com o estudioso, há diferentes dimensões nas trocas interacionais.

Vamos situar as fases da intersubjetividade em um *continuum*. Inicialmente, temos um indivíduo que interage com seu interlocutor com o único objetivo de atingir algum efeito perlocucionário, sem que leve em consideração, ainda, algum elemento linguístico que expresse sua consciência de como o receptor irá reagir ao que está sendo dito. Esse tipo de ato representa a dimensão meramente **co-acional** das trocas interacionais. Mais à frente, nesse mesmo *continuum*, há interações mais complexas, intersubjetivas, em que o falante faz uso de certos recursos linguísticos que expressam sua consciência sobre potenciais reações de um interlocutor específico, presente – aqui e agora – numa dada situação discursiva. No presente modelo, esses usos serão considerados instâncias de **intersubjetividade imediata (I-I)**.

[...]

Mais à frente, ainda nesse *continuum* gradiente, a interação marcada intersubjetivamente pode mudar de uma consciência específica de um

¹¹ Do original: “The more often a string of linguistic elements is processed, the stronger are the sequential links between them (Bybee 2002; 2010: 33-37). The cognitive result of this development is the gradual emergence of a ‘unit’ or ‘chunk’”.

- | Emergência do conector fora que no português

interlocutor único para um entendimento extensível a personas sociais genéricas. Nessa dimensão, atua a **intersubjetividade estendida (I-E)**. (TANTUCCI, 2021, p. 7-8, grifo do autor)².

Sob esse ponto de vista, a dimensão da coacionalidade está associada às interações em que o código linguístico é mais transparente e composicional; a da intersubjetividade imediata está associada a uma reinterpretação *ad hoc*, em que um determinado uso linguístico, por questões contextuais, é neoanalisado; a da intersubjetividade estendida, por sua vez, está relacionada à convencionalização desse novo uso, isto é, ao momento em que ele, inicialmente de sentido menos transparente e composicional, passa a ser reconhecido e empregado em uma comunidade de falantes.

Por fim, embora o próximo conceito não esteja diretamente relacionado aos processos de mudança linguística, como os previamente apresentados, ele é importante para a análise de nosso objeto. Trata-se do desgarramento sintático, que, segundo Decat (2009, p. 22), é “um mecanismo/recurso sintático que serve à estratégia de focalização”. O fenômeno envolve uma estrutura de natureza hipotática desvinculada de sua oração matriz, como apresenta a autora, no exemplo abaixo, em que *apesar de* encontra-se em um novo período:

v. “Esse caso com a modelo Lilian Ramos realmente foi uma tragédia. **Apesar de Itamar ser um senhor solteiro e o ambiente ter sido o carnaval**”. (Estado de Minas, 17/2/94)

Segundo Decat (2019, p. 23),

[...] as orações desgarradas são satélites de uma porção anterior no discurso, a qual pode ser uma oração com a qual a desgarrada se relacione, ou uma outra porção textual qualquer (por exemplo, todo um período, um parágrafo, um conjunto de orações etc.).

² Do original: “Let’s place these three stages of intersubjective awareness along a continuum. At the beginning of the *continuum* we have an individual interacting with his/her interlocutor with the sole aim of achieving some perlocutionary effects, yet without any overt linguistic element expressing the awareness of how the addressee may react to what is being said. This is what this book will refer to as the mere **co-actional** dimension of interactional exchanges. Along the same continuum, more complex intersubjectified interaction is at stake when a speaker relies on linguistic devices that express the distinctive awareness of potential reactions of a specific interlocutor who is present during the here-and-now of the speech event. In the present framework, these will be considered instances of **immediate intersubjectivity (I-I)**. [...] Along the same gradient continuum, intersubjectively marked interaction may shift from the specific awareness of a single interlocutor to the more extended understanding of how a generic social persona would react to what is being said. This latter dimension is what this book will refer to as **extended intersubjectivity (E-I)**.”

O desgarramento sintático é particularmente caro ao estudo de [fora que], haja vista que ele é um conector complexo de estrutura hipotática – tendo uma conjunção integrante como uma de suas subpartes. Como pudemos observar nos dados (02) e (03), na introdução deste artigo, [fora que] está desvinculado da unidade discursiva que representaria sua oração matriz, na medida em que encabeça, respectivamente, um novo período e um novo parágrafo.

Procedimentos metodológicos

Para proceder a uma investigação de viés diacrônico, recorreremos a dois bancos de dados do *Corpus do Português*¹³: o Histórico e o *Now*. O primeiro contém 45 milhões de palavras e é composto por dados que vão do século XIII ao século XX; o último contém um pouco mais de 1 bilhão de palavras e é composto por dados do século XXI (de 2012 a 2019). São dois bancos que se diferem não só em relação às suas extensões e sincronias, como também em relação à variedade e à distribuição dos gêneros. Por esse motivo, nossa pesquisa assume um caráter mais qualitativo, voltado para a descrição e exploração do fenômeno, do que propriamente quantitativo.

Ao todo, selecionamos 462 ocorrências, que vão do século XIX ao XXI, distribuídas conforme o quadro abaixo:

Quadro 1. Ocorrências de *fora + que* e *fora*

	<i>fora + que</i>	<i>Fora</i>
Século XIX	24	100
Século XX	38	100
Século XXI	100	100
Total	162	300

Fonte: Elaboração própria

Vale ressaltar que a busca no *corpus* se deu, a princípio, pela sequência de elementos *fora + que*, sem que houvesse uma associação inicial desses usos a algum esquema construcional específico, procedimento que só foi realizado posteriormente, na análise. Nosso objetivo inicial era separar as 100 primeiras ocorrências que continham essa sequência de elementos em cada período, para só depois proceder à análise. No entanto, isso não foi possível em virtude da limitação do *corpus*: só havia 24 ocorrências com essa configuração no século XIX e 38 no século XX.

¹³ Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 30 mar. 2022.

- | Emergência do conector *fora* que no português

Além da busca pela sequência *fora + que*, componentes da construção [fora que], procedemos a um levantamento dos diferentes usos de *fora* no *corpus*. Nesse caso, já foi possível selecionar as 100 primeiras ocorrências de cada período. Nossa opção pela seleção e análise do elemento *fora*, sem que estivesse posposto pelo *que*, deve-se ao fato de *fora* já atuar na relação aditiva em alguns contextos de uso, como podemos notar na ocorrência abaixo:

- (5) A violência é muito grande, então eu acho que pode ajudar nessa conscientização. *Fora* tudo isso, eu achei importantíssimo o país estar discutindo uma questão que há pouco tempo não discutia porque tinha medo.

Acima, *fora* atua como uma palavra denotativa. Embora, numa dimensão microgramatical (cf. HASELOW, 2016), observemos um valor de exclusão – na medida em que separa, põe de lado os argumentos antecedentes (“tirando tudo isso”) –, na dimensão macrogramatical (cf. HASELOW, 2016), ele adiciona informações, de maneira muito semelhante ao que vimos com [fora que]. Como prova, apliquemos o teste de substituição: *A violência é muito grande, então eu acho que pode ajudar nessa conscientização. Além de tudo isso, eu achei importantíssimo o país estar discutindo uma questão que há pouco tempo não discutia porque tinha medo.*

Terminada a seleção da sequência *fora + que* e do elemento *fora*, nas duas bases do *Corpus*, procedemos à análise. Para esse fim, os seguintes fatores foram empregados:

- a) Identificação dos diferentes usos de *fora + que* e de *fora*:

Como dissemos anteriormente, num primeiro momento, apenas buscamos selecionar as 100 primeiras ocorrências de *fora + que* e *fora* no *corpus*, em cada século, sem que houvesse a realização de análises. Terminada a seleção, passamos para a classificação dos usos. De um lado, procuramos identificar de que esquemas/construções participavam *fora + que*. De outro, as funções admitidas pelo elemento *fora*.

- b) Produtividade dos diferentes usos de *fora + que* e de *fora*:

Embora a pesquisa tenha um caráter mais qualitativo do que quantitativo, a frequência de uso pode nos dizer muito sobre a convencionalidade e o espraiamento de uma construção. Como veremos na análise de dados, no século XXI, das 100 primeiras ocorrências da sequência *fora + que*, 57 são da construção conectora [fora que]. Isso serve como evidência de sua produtividade e convencionalidade no português.

- c) Busca, na diacronia, por contextos atípicos, críticos e isolados:

A construção [fora que] constitui o que Diewald e Smirnova (2012) reconhecem como contexto isolado. Buscamos também identificar a presença de contextos atípicos e críticos dessa construção, que nos permitem flagrar a atuação da neanálise. Na ausência desses contextos, também é possível aventar a hipótese de que [fora que] tenha surgido por intermédio da analogização, em que o esquema [Xque]_{connect} (CEZARIO; SANTOS; SILVA, 2015) teria recrutado *fora*, na função de palavra denotativa de exclusão, para o *slot X*.

- d) Emprego dos processos e fatores da construcionalização na análise de [fora que]:

Como critério complementar, observamos a atuação dos processos da automatização, em especial o *chunking*, da intersubjetividade estendida e do fator da composicionalidade. Uma vez que a vinculação dos elementos de uma construção, a diminuição de sua composicionalidade e o espraiamento do novo uso são consequências da construcionalização, empregamo-los também na análise de dados.

Por fim, vale ressaltar que, após a análise inicial dos dados, descartamos 88 ocorrências, pois, nesses casos, o elemento *fora* não tinha origem adverbial. Era, na verdade, a primeira ou a terceira pessoa do singular do pretérito-mais-que-perfeito do verbo “ir”. É o que observamos, por exemplo, na ocorrência abaixo, um dado do século XIX:

- (6) Eis o pensamento a que se limitavam já suas esperanças, porque a missão de que se encarregara era terrivelmente arriscada. Durante o caminho *fora que* ele medira a extensão dos perigos a que se expusera; mas a imagem de Dulce varria-lhe da alma o temor.

Em síntese, os dados descartados por esse motivo ocorreram conforme distribuição abaixo:

Quadro 2. Dados descartados de *fora + que* e *fora*

	<i>fora + que</i>	<i>fora</i>
Século XIX	12	60
Século XX	5	5
Século XXI	2	4
Total	19	69

Fonte: Elaboração própria

- | Emergência do conector *fora que* no português

Análise dos dados

Para uma apresentação mais didática dos dados, dividimos esta seção em quatro subseções, a saber: a) usos da sequência *fora + que*; b) usos do elemento *fora*; c) analogização: a hipótese mais plausível para emergência de [fora que]; d) produtividade, vinculação e intersubjetividade em [fora que]: um olhar para os usos do século XXI.

Usos da sequência fora + que

Nos dados analisados, a sequência de elementos *fora + que* aparece em cinco padrões diferentes, assim representados: [fora]_{adv}[que]_{pronome relativo}, [fora]_{adv}[que]_{conjunção explicativa}, [fora]_{adv}[que]_{correlator comparativo}, [fora]_{adv}[que]_{conjunção integrante} e [fora que]_{conector}. Abaixo, apresentamos a distribuição desses usos no quadro 3 e, em sequência, ilustramos cada uso com uma ocorrência:

Quadro 3. Relações sequenciais de *fora + que*

	[fora] _{adv} [que] _{pr}	[fora] _{adv} [que] _{ce}	[fora] _{adv} [que] _{cc}	[fora] _{adv} [que] _{ci}	[fora que] _c
Século XIX	08	01	02	01	0
Século XX	22	0	04	03	04
Século XXI	35	04	04	0	57
Total	65	05	10	04	61

Fonte: Elaboração própria

- a) O uso [fora]_{adv}[que]_{pronome relativo}:
- (7) Com aquilo que temos hoje em nosso poder, no que diz respeito aos jogadores, tenho a certeza que amanhã ficarão de fora jogadores que têm tido excelentes desempenhos, qualidade nas suas exibições e rendimento, mas só podemos escolher onze. Irão ficar alguns de *fora que* também poderiam estar facilmente no 11.
- b) O uso [fora]_{adv}[que]_{conjunção explicativa}:
- (8) Ju ainda aproveitou para dar um conselho: “Se você gosta das suas pernas, por exemplo, não importa se você usa 36, 46 ou 56! Coloque suas pernas de *fora que* está tudo bem e vai ficar lindo”.
- c) O uso [fora]_{adv}[que]_{correlator comparativo}:
- (9) Márcio Alemão está mais por *fora que* umbigo de vedete. Se o tal evento de suma importância estivesse acontecendo no Sudeste aecista eu até poderia entender, por conta da posição da revista.

- d) O uso [fora]_{adv}[que]_{conjunção integrante}:
- (10) Luiz, diga lá *fora que a tragam cá*.
- e) O uso [fora que]_{conector}:
- (11) Tive diversos problemas hormonais, a adrenal estava parada, sem funcionar. Eu poderia ter tido um problema no coração. *Fora que* eu estava me tornando antissocial, chata.

É importante frisar que o objetivo na categorização dos diferentes usos admitidos pela sequência *fora + que* é motivado pela investigação da neoanálise. Como vimos, a construcionalização gramatical tem como consequência, normalmente, a diminuição da composicionalidade e a formação de *chunks*, fenômenos que são observáveis na construção [fora que]. Ou seja, se estamos buscando flagrar a sua emergência, temos de olhar para os usos mais composicionais – em que *fora* assume seu sentido de lugar ou de exclusão – e seus elementos são mais autônomos – em que *fora* e *que* não atuam como uma unidade.

Como veremos mais adiante, na subseção *analogização: a hipótese mais plausível para emergência de [fora que]*, não conseguimos flagrar, nos dados investigados, contextos que pudessem ser considerados ambíguos. Isso se deve ao fato de, em todos os outros usos, *fora* atuar com sua função e seu sentido mais básicos: o de advérbio de lugar. Por isso, além do levantamento da sequência *fora + que*, procedemos ao levantamento dos usos de *fora* em outros contextos, já que há usos em que esse elemento também atua na conexão aditiva, conforme observaremos na próxima subseção.

Usos do elemento '*fora*'

Descartados os usos em que *fora* é uma das formas do pretérito-mais-que-perfeito do verbo *ir*, o elemento aparece nos dados com duas funções: advérbio de lugar e palavra denotativa de exclusão. Esse último uso, em que *fora* atua com significado semelhante ao do elemento *exceto*, aparentemente é mais recente na língua. No nosso ponto de vista, sua recência é uma hipótese plausível, já que esse uso não foi identificado até o século XX¹⁴ e também não consta dos compêndios gramaticais. Observemos, abaixo, a distribuição dos dados analisados e, em sequência, uma ilustração de cada uso:

14 A despeito de, neste texto, apenas trazermos dados a partir do século XIX, em virtude da recência da construção [fora que] no português, fizemos uma análise prévia desde o século XVI, recorrendo ao *Corpus Tycho Brahe* e ao *Corpus Vercial*. Até o século XIX, só identificamos usos de *fora* com função de advérbio.

- | Emergência do conector *fora* que no português

Quadro 4. Funções de *fora*

	Advérbio	Palavra denotativa
Século XIX	40	0
Século XX	88	7
Século XXI	95	5
Total	223	12

Fonte: Elaboração própria

- (12) E estonteada, fitando no vácuo aquela visão cadente, miserável nos seus quinze anos, sentava-se, extenuada e languescida, à sombra dos ciprestes anosos e dos túmulos soberbos, com a cabeça aos baques, revolta a alma por criminosas comoções. Era já noite, muitas vezes, quando ia só para casa, *fora* do cemitério.
- (13) Não que eu tivesse dificuldades com os bósnios, pois colaboraram bastante, mas por problemas criados pelas forças da ONU, que me impediram de fazer muitas tomadas. Tivemos oito semanas de filmagens, *fora* o tempo necessário para nos instalar.

Em (12), *fora* atua como um advérbio de lugar, dada a sua função físico-espacial. Em (13), por sua vez, *fora* é uma palavra denotativa de exclusão e já atua como um elemento relacional ao qual podemos atribuir a ideia de adição. Embora *fora* atue, nesse caso, numa dimensão intraoracional, estabelece adição entre dois núcleos de um mesmo complemento: *semanas* e *tempo*. Inclusive, podemos proceder ao teste de substituição como meio de atestar esse valor semântico: *tivemos oito semanas de filmagens, além do tempo necessário para nos instalar*.

Além desse uso não oracional, há outros em que observamos *fora* como parte de uma estrutura composta que atua na articulação (supra)oracional. Vejamos duas ocorrências:

- (14) O tempo ainda pode ser alterado, já que são permitidas inscrições até o primeiro orador iniciar suas declarações, o que deve ocorrer na terça-feira da próxima semana. *Fora isso*, há previsão de fala para líderes, que podem discursar por tempo proporcional ao tamanho de suas bancadas.
- (15) Nós temos uma organização que foi estabelecida 40 anos atrás, e vem crescendo e desenvolvendo uma experiência de como fazer Fórmula 1. É nossa especialidade. Temos uma equipe permanente de 50 pessoas, a maioria com 20 a 25 anos de prática. *Fora isso*, temos fornecedores especializados, desenvolvidos por nós, em São Paulo.

De modo análogo a [fora que], *fora isso* estabelece a relação entre duas unidades discursivas, como orações, períodos e parágrafos. Assim como *fora que*, veicula uma noção de adição. Postulamos, portanto, que [fora que] e [fora isso] sejam instanciações de um nível mais abstrato, o subesquema [fora X]. Nesse caso, X pode comportar tanto elementos mais gramaticais, como *que* e *isso*, como também nomes, sobretudo substantivo abstratos que atuam como encapsuladores. Vejamos uma ocorrência desse último caso:

- (16) Autorizações inexistentes e risco de contaminação dos funcionários, que trabalhavam sem máscaras, são apenas alguns exemplos dados pelos militares. Entre as irregularidades, a situação mais crítica verificada pelos PMs estava no cômodo onde eram incinerados os bichos. *Fora o problema das máscaras e o risco de contaminação*, também não havia filtro algum nas chaminés.

Como podemos notar em (16), *fora o problema das máscaras e o risco de contaminação* é uma estrutura complexa que também veicula o sentido de adição no contexto de uso. No entanto, como ela é composta por elementos mais axiológicos, não atende bem ao teste de substituição, somente à análise do *frame*: trata-se de informações convergentes: havia autorizações inexistentes, risco de contaminação E TAMBÉM faltava filtro nas chaminés.

Uma vez que *fora* estabelece relações aditivas em outras construções, e não só quando na sequência *fora + que*, existe uma grande possibilidade de que a construção [fora que] tenha surgido por meio de um processo analógico, como veremos na próxima subseção.

Analogização: a hipótese mais plausível para emergência de [fora que]

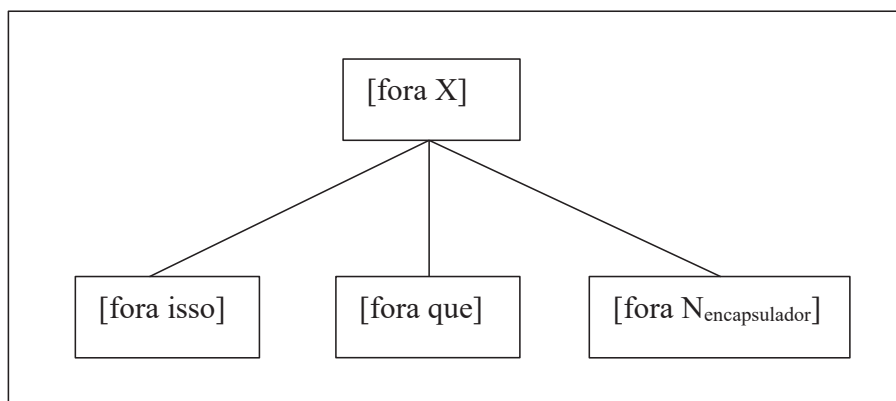
A hipótese mais plausível sobre a emergência da construção [fora que] é que ela tenha surgido na língua por meio de um processo de analogização, e não de neanálise. Uma das evidências para isso é o fato de não termos identificado, nas relações sequenciais que envolvem os elementos *fora + que*, dados de uso que possam ser considerados ambíguos, isto é, que permitam tanto uma interpretação como conector aditivo – com os elementos mais vinculados e menos composicionais – quanto uma outra, em que esses mesmos elementos sejam mais autônomos e mais composicionais.

Vale ressaltar, ainda sobre esse aspecto, que a literatura tem mostrado que os contextos atípicos, responsáveis pelo processo de mudança via neanálise, continuam coexistindo na língua. Sendo assim, se [fora que] tivesse surgido na língua por neanálise, o esperado seria que ainda identificássemos contextos atípicos, em que mais de uma interpretação construcional fosse possível. Essa ambiguidade está associada ao fato de a neanálise envolver o reprocessamento sintático, um novo *parsing*.

- | Emergência do conector fora que no português

Portanto, dado que não foi possível flagrar a neanálise nem nos dados históricos nem nos sincrônicos, o mais provável é que a emergência da construção [fora que] tenha se dado por analogização. Como vimos na subseção anterior, nas ocorrências em que *fora* assume a função de palavra denotativa, é comum a veiculação de um sentido de adição, muitas vezes, inclusive, na conexão (supra)oracional, da mesma maneira que [fora que]. Isso nos leva a postular a existência de uma rede [fora X], da qual participa [fora que]:

Figura 2. A rede [fora X]



Fonte: Elaboração própria

A representação acima organiza os diferentes usos apresentados neste texto em que *fora* atua, na dimensão microgramatical, como palavra denotativa de exclusão. Logo, incluem-se, aí, além dos usos de [fora que], presentes nas ocorrências (01), (02), (03) e (11), os usos de [fora isso] – ocorrências (14) e (15) – e de [fora N_{encapsulador}], como a ocorrência (16), em que ocupam a posição de N os termos *problema* e *risco*.

Vale ressaltar que, em todos esses casos, a construção, na relação entre unidades discursivas – sejam orações, períodos ou parágrafos –, veicula um sentido de adição. No entanto, a noção de exclusão – embora possa parecer paradoxal num primeiro momento – também está mantida. Trata-se de um tipo de exclusão para incluir. Para explorar discursivamente esse aspecto, observemos mais duas ocorrências:

- (17) Garcia também se inquieta com esse tipo de atenção, e principalmente com as comparações injustas: “Conheço as vozes da Cássia e do Chico a fundo, e não acho que se pareçam. *Fora que* ela com 40 anos não compunha como ele, e cantava mil vezes mais”.
- (18) E também achei péssimo quando, uma vez em que eu estava com a Débora e os funcionários falavam sobre ela, só olhavam para mim, como se ela não

estivesse lá. *Fora que* ela já relatou que uma sócia interrompeu a conversa com ela assim que descobriu que ela era a babá da minha filha e não a mãe.

Em (17) e (18), a noção de adição estabelecida entre períodos pode ser atestada, mais uma vez, por meio do teste da substituição: *Conheço as vozes da Cássia e do Chico a fundo, e não acho que se pareçam. Além disso, ela com 40 anos não compunha como ele, e cantava mil vezes mais; os funcionários falavam sobre ela, só olhavam para mim, como se ela não estivesse lá. Além disso, já relatou que uma sócia interrompeu a conversa com ela assim que descobriu que ela era a babá da minha filha e não a mãe.* Trata-se de uma relação estabelecida na dimensão macrogramatical (cf. HASELOW, 2016), compreendida quando as relações gramaticais se estabelecem na dimensão textual, acima do nível da sentença.

Não obstante, numa dimensão microgramatical (cf. HASELOW, 2016), podemos entender que a noção de exclusão, em alguma medida, permanece. O termo *Fora*, olhado sob uma lupa, “exclui” o conteúdo anterior (ou diminui sua relevância discursiva) para introduzir uma informação nova, que, discursivamente, reforça o argumento anteriormente apresentado. Sob esse ponto de vista, atesta o fenômeno da persistência semântica, como defende Hopper (1991).

Cabe lembrar que, na perspectiva da construcionalização, a analogização ocorre por meio de dois caminhos: da atração de um exemplar ou da produtividade de um esquema já bastante consolidado. Nesse caso, aventamos a seguinte hipótese: *fora*, na função de palavra denotativa, é recrutada pelo esquema [Xque]_{connect'} bastante produtivo na língua na formação de conectores. Não acreditamos que haja uma analogização por exemplar, como em uma possível relação com o conector [exceto que], já que esta construção assume uma função distinta na língua. Em resumo, embora *fora* e *exceto* atuem com o sentido de exclusão em muitos contextos de uso, *exceto* é recrutado para contextos contrastivos e não aditivos. Vejamos, a seguir, duas ocorrências. Na primeira, temos o elemento *exceto* articulando elemento oracional – *textos*; na segunda, *exceto que*, articulando orações.

- (19) As matérias são responsabilidade do jornal na Net, *exceto* textos que expressem opiniões pessoais, assinados, que não refletem, necessariamente, a opinião do site.
- (20) Katherine era um furacão. Eu digo, ela era muito louca. Uma personagem muito bem feita, ela era o que era. Havia algumas poucas qualidades que podiam redimi-la, *exceto que* ela era muito amável e honesta.

- | Emergência do conector fora que no português

Descartada, então, a hipótese da atração por um exemplar, voltemos para aquela que defendemos: a de que *fora*, na função de palavra denotativa de exclusão, é recrutado pelo esquema [Xque]_{connect}. De acordo com Cezario, Santos e Silva (2015), a referida construção teve sua emergência no século XVI, quando o *slot X* era preenchido exclusivamente por elementos de função adverbial que denotavam tempo. Posteriormente, passou a ser ocupado por elementos de outra natureza, como participípios, preposições etc. e passou a assumir sentidos cada vez mais abstratos, que atuam na relação lógico-semântica, como causa – *dado que, já que* – consequência – *tanto que* – condição – *sem que* – etc. Hoje, praticamente qualquer elemento pode ocupar o *slot X* da construção, inclusive verbos. Dias, Araújo e Pacheco (2020), por exemplo, atestam o uso de *acontece que* como conector contrastivo. Abaixo, segue uma ocorrência como ilustração:

- (21) Adib Jatene: [...] O que nós gastamos com atendimento médico hospitalar é menos da metade do orçamento, *acontece que* o que mais tem visibilidade na imprensa é o atendimento médico hospitalar, por isso eu falo hospital.

Por fim, vale ressaltar que a analogização, ao contrário da neoanálise, é apresentada sempre como uma hipótese e não como uma prova. Isso se dá dessa maneira porque seu caráter instantâneo torna impossível notar sua gradualidade na história da língua, como é comum na construcionalização por neoanálise.

Produtividade, vinculação e intersubjetividade em [fora que]: um olhar para os usos do século XXI

Nesta última seção, focalizaremos os dados de [fora que] no século XXI. Isso se deve ao fato de atestarmos sua maior produtividade nesse período. Além disso, exploraremos também a formação do *chunking* e a percepção da intersubjetividade estendida como indícios do processo de construcionalização gramatical. Começamos pela observação dos usos de [fora que] nos dados sincrônicos:

Quadro 5. Usos de *fora + que* no século XXI

	[fora que]	demais usos de <i>fora + que</i>
Século XXI	57	43
Total:	100	

Fonte: Elaboração própria

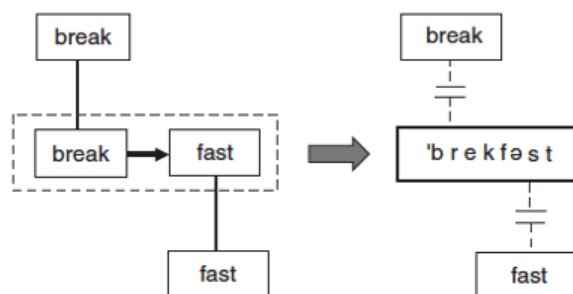
Como é possível notar, de 100 dados extraídos da sequência *fora + que*, 57 (57%) são de [fora que]. A elevada frequência *token* é um reflexo da convencionalidade e da produtividade dessa construção, que já constitui uma unidade de sentido na mente dos

falantes, isto é, trata-se de uma construção consolidada, resultado da automatização. Vejamos o que diz Diessel (2019, p. 35) a respeito desse processo cognitivo:

Se pensarmos na gramática como uma rede em expansão em que os diversos aspectos do conhecimento linguístico do falante estão interconectados por relações associativas, nós podemos definir a automatização como um processo que fortalece as associações entre os elementos linguísticos na memória por meio da repetição. Por exemplo, se dois ou mais lexemas são frequentemente utilizados juntos, eles se tornam associados uns aos outros e se tornam uma unidade lexical holística.

Grosso modo, a formação de unidades resultantes de dois ou mais lexemas por meio da automatização é um *chunk*, que é um dos possíveis resultados da construcionalização gramatical: à medida que os elementos se vinculam e formam uma unidade, há diminuição da composicionalidade, o que significa que seu significado tende a ficar cada vez menos transparente. Diessel recorre ao modelo morfológico de rede de Bybee (BYBEE, 2011, p. 125-126 *apud* DIESEL, p. 77) para explicar esse fenômeno. Vejamos, como ilustração, a representação empregada pelo estudioso para a análise de *breakfast*, do inglês:

Figura 3. Autonomia lexical: o desenvolvimento das relações sequenciais e lexicais



Fonte: Diessel (2019, p. 77)

Originalmente, *breakfast* representa a adjunção de dois elementos de significação distinta: o verbo *break* e o nome *fast*, cujo significado é composicional: terminar o jejum (*fast*) noturno. Porém, embora esses elementos ainda sejam analisáveis na forma escrita, a forma falada perdeu sua conexão com *break* e *fast* – já que há alteração fonética (tanto segmental quanto suprasegmental): /'breik 'fəst/ para /'brekfəst/. Isto significa, segundo Diessel (2019, p. 77), que "*breakfast* tornou-se autônomo no sentido de que suas partes

- | Emergência do conector fora que no português

não estão mais associadas (diacronicamente) com os itens com que se relaciona na rede¹⁵ (figura 3). Cabe mencionar, ainda, que *breakfast* passou a representar a primeira refeição da manhã no inglês, feita com alimentos típicos dessa refeição. Não se emprega o termo *breakfast*, por exemplo, para fazer referência a um almoço que sirva de desjejum.

Argumentamos que o mesmo efeito de automatização é percebido em [fora que]. A despeito de ainda recuperarmos suas partes componentes e de ser possível uma leitura de exclusão em sua dimensão microgramatical, o sentido de adição vem se sedimentando na construção à proporção que essa construção é empregada em contextos aditivos.

Para entender como a pressão contextual atua na sedimentação de novos significados, podemos recorrer à perspectiva da intersubjetividade de Tantucci (2021). Conforme discutimos na seção dos pressupostos teóricos, o autor considera que as trocas interativas ocorrem em três dimensões distintas: a coacionalidade, a intersubjetividade imediata e a intersubjetividade estendida.

Segundo o estudioso, a coacionalidade se caracteriza por uma intersubjetividade “não marcada”. Nesse caso, as proposições tendem a ser mais transparentes, composicionais, de modo que o sentido não dependa de uma inferência do ouvinte/leitor sobre as intenções do falante/escritor sobre aquilo que diz.

Na intersubjetividade imediata, por sua vez, o interlocutor tende a inferir quais são as crenças/intenções do falante ao dizer aquilo que diz. Sendo assim, nessa dimensão, os significados são menos composicionais (transparentes) e também menos convencionais. É necessário que o ouvinte/leitor faça uma interpretação *ad hoc* daquilo que é dito. Numa perspectiva da construcionalização, poderíamos associar a intersubjetividade sugerida ao uso inovador, isto é, às neoanálise iniciais ou aos usos iniciais de uma analogização, quando um novo uso ainda não é convencional e/ou frequente em uma comunidade de falantes.

Por fim, na intersubjetividade estendida, embora os sentidos da proposição sejam opacos, menos composicionais, o significado construcional se tornou convencional, isto é, compartilhado por uma comunidade linguística. Acreditamos que esse seja o caso de [fora que], uma vez que apresenta elevada frequência de uso em contextos linguísticos mais monitorados. Sendo assim, podemos afirmar que [fora que] constitui um dos elementos do paradigma dos conectores aditivos, sendo recrutados para o uso por falantes do português. Vale ressaltar, no entanto, que, sob um olhar pragmático e

15 No original: “*Breakfast* has become autonomous in the sense that its parts are no longer associated with (diachronically) related items in a network”.

discursivo, apresenta novas nuances de significado, uma vez que traz relevo para a unidade discursiva (oração, período ou parágrafo) que lhe sucede. O espraçamento da construção e sua aceitabilidade podem ser evidenciados por meio da sua presença em textos mais formais, como mostram os dados do *corpus* Now, constituído, em grande parte, por textos de jornais e revistas eletrônicas.

Considerações finais

Neste texto, buscamos descrever a emergência do conector [fora que] no português. Para isso, recorremos a 462 ocorrências distribuídas entre os séculos XIX a XXI da sequência de elementos *fora + que*, bem como do elemento *fora*, que também pode atuar em contextos de conexão aditiva. Os dados foram interpretados à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso, em especial, com base no modelo da *construcionalização e das mudanças construcionais* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013]).

Observamos que a sequência *fora + que* aparece em cinco diferentes padrões construcionais e que sua instanciação pela construção [fora que] é frequente, o que serve como evidência da convencionalidade dessa construção. Afinal, se 57% das ocorrências analisadas de *fora + que* no século XXI são do conector aditivo, isso indica que essa construção representa um dos elementos do paradigma dos conectores aditivos do português.

A emergência de [fora que] provavelmente se deu por analogização. Essa conclusão se deve aos seguintes aspectos: a) ao fato de não termos localizado, nem nos dados diacrônicos nem nos sincrônicos, indícios de dados ambíguos, isto é, de contextos atípicos; b) ao fato de termos encontrado usos de *fora*, em contextos em que não está justaposto pelo *que*, nos quais esse elemento atua na relação aditiva. Sendo assim, defendemos que ocorreu um processo analógico em que o esquema [Xque]_{conect'} em virtude de sua produtividade, recrutou o elemento *fora*, na função de palavra denotativa de exclusão. Isso resultou numa nova construção na língua. É importante frisar, mais uma vez, que a analogização serve mais como hipótese do que como evidência da mudança. O que atesta, de fato, a mudança é a neoanálise.

A trajetória de construcionalização de [fora que] também pode ser pensada a partir dos processos cognitivos e intersubjetivos. Como vimos, a automatização leva à formação de *chunks*, comuns na formação de elementos procedurais, como [fora que], e a intersubjetividade estendida explica a convencionalização de significados construcionais menos composicionais.

- | Emergência do conector fora que no português

Referências

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2014.

CAPELLE, B. Particle placement and the case for allostructions. **Constructions SVI** – n. 7, p. 1-28, 2006.

CEZARIO, M. M.; SANTOS, M.; SILVA, T. S. Formação da construção [xque]_{connect} no português. **Revista e-escrita**, v. 6, n. 3, p. 229-243, 2015.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, 2013. p. 13-39.

DECAT, M. B. N. **Estruturas “desgarradas” em foco: a função focalizadora de orações em sua ocorrência sem a oração-matriz, no português falado e escrito**. Abralín, 2009.

DECAT, M. B. N. O ‘desgarramento’ como estratégia de focalização em língua portuguesa. **Anais do II Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações**, Niterói: Letras da UFF, v. 1, n. 2, 2019.

DIESSEL, H. **The Grammar Network**. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019.

DECAT, M. B. N. **Estruturas desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

DIAS, N. B.; ARAÚJO, J. A. R.; PACHECO, P. H. Construções contrastivas ‘acontece que’ e ‘logo eu’. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 14, n. 27, p. 207-316, 2020.

DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: The fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. *In*: DAVIDSE, K.; BREBAN, T.; BREMS, L.; MORTELMANS, T. (ed.). **Grammaticalization and Language change: new reflection**. Amsterdam: Benjamins, 2012. p. 111-133.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. *In*: The Linguistic Society of Korea (ed.). **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137.

GOLDBERG, A. **A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HASELOW, A. A processual view on grammar: Macrogrammar and the final field in spoken syntax. **Language Sciences**, v. 54, p. 375-424, 2016.

HILPERT, M. **Construction Grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. *In*: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (ed.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Revista Alfa**, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

TANTUCCI, V. **Language and Social Minds**. The Semantics and Pragmatics of Intersubjectivity. New York: Cambridge University Press, 2021.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization and Constructionalization Compared. *In*: FUYIN, T. L.; ZUO, S. (ed.). **On a diachronic constructionalist approach to discourse structuring markers by Elizabeth Closs Traugott**. Boston: Brill, 2022. p. 39-59.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in Semantic Change**. New York: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. São Paulo: Vozes, 2021 [2013].

COMO CITAR ESTE ARTIGO: LOPES, Monclar Guimarães. Emergência do conector *fora que* no português. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 85-109, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 02/09/2022.
